



Um defeito de cor, imagem de um povo que falta

Um defeito de cor, image of a missing people

Um defeito de cor, imagen de un Pueblo que falta

■ Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva¹

e-mail: teresalg@letras.ufrj.br

■ Luana Antunes Costa²

e-mail: luanaantunes@unilab.edu.br

■ Fernanda Oliveira da Silva³

e-mail: fernanda.olliveirra05@gmail.com

A arte é a procura do povo que falta.⁴ (Gilles Deleuze)
A arte é uma das formas de a gente se dar conta de que a história que
nos contaram nunca existiu.⁵ (Vladimir Safatle)

Sankofa é um símbolo africano da cultura dos povos akan que significa nunca
é tarde para voltar e buscar o que foi esquecido.⁶ San(voltar) ko (ir) fa (buscar)

As sementes da descoberta flutuam constantemente à nossa volta, mas
só lançam raízes nas mentes bem-preparadas para recebê-las.⁷ (Joseph Henry)

O romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves nos seduz por inúmeros motivos, especialmente, por nos darmos conta de que estamos diante de uma narrativa das mais poéticas e potentes já realizadas sobre a formação do nosso país. Na construção dessa obra de metaficção histórica, Gonçalves a situa sabiamente no século XIX, período crucial na história do Brasil. Acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de uma personagem, cuja trajetória de vida atravessa todo o século XIX entre a África e o Brasil significa,

¹ Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva é professora de literaturas Africanas do Programa de Pós-graduação em letras Vernáculas da UFRJ e coordenadora do grupo de pesquisas Escritas do corpo feminino.

² Luana Antunes Costa é professora adjunta VI do Instituto de Literaturas e Linguagens da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB-CE). Pesquisadora associada do Laboratório Les Afriques dans le monde, Instituto de Estudos Políticos de Bordeaux.

³ Fernanda Oliveira da Silva - Doutoranda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de Literaturas Africanas; bolsista CAPES e pesquisadora do grupo de Escritas do Corpo Feminino.

⁴ DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Palestra de 1987. Folha de São Paulo, 27/06/1999.

⁵ SAFATLE, Vladimir. Em um com impulso. Belo Horizonte, Autêntica, 2022.

⁶ DA SILVA, Marisa Francisca. Voltar atrás: uma contemplação sobre o pássaro e o adinkra sankofa na cultura afro-brasileira. Nhengatu. Revista Ibero-americana para comunicação e cultura contra-hegemônicas. Vol 1, n7. 2021, consultado a 17/04/2026, <https://doi.org/10.23925/2318-5023.2021.n7e66752>

⁷ Joseph Henry foi um físico e inventor americano. Trabalhou como 1º secretário do Instituto Smithsonian, entre 1846 e 1878.

ao mesmo tempo, acompanhar os principais acontecimentos na formação da identidade brasileira em sua ligação visceral com o continente africano.⁸

A personagem Kehinde é capturada ainda menina na África (Daomé); cresce no Brasil (Bahia), onde se torna Luisa Mahin, “escrava de ganho”, e testemunha os principais acontecimentos históricos do país, atuando em alguns desses eventos. Perde seu filho, Luiz Gama, que é vendido pelo pai português como escravizado; investe anos, sem sucesso, na procura desse filho até decidir retornar ao continente africano, já madura, onde faz fortuna e tem mais dois filhos. Finalmente, já anciã, a protagonista retorna ao Brasil, no anseio de encontrar o filho perdido antes de morrer.

À medida que avançamos na trama, que entrelaça, de maneira extremamente hábil, ficção, fatos históricos, além de ampla pesquisa sobre dados culturais profundamente rica e criteriosa, sentimos crescer a dor e a revolta diante dos horrores do tráfico negreiro e da violência da escravização nas fazendas. Somos, assim, conscientizados de como esse processo foi fundamental para alimentar a industrialização e a expansão do capitalismo no Brasil. No entanto, experimentamos, também, uma série de afetos positivos: de prazer, alegria, orgulho, bem-estar e entusiasmo, à medida que vamos conhecendo mais profundamente o legado transmitido pelas diversas etnias africanas.

A obra nos proporciona, sem nenhuma dúvida, um olhar valioso sobre a presença africana no Brasil, ou melhor, um olhar sobre a história do Brasil e seu entrelaçamento visceral com as culturas africanas. O trato dos viventes teve seu auge no séc. XVIII, mas foi no séc. XIX que a presença africana consolidou suas marcas na construção da nossa identidade, por meio da religiosidade, da língua, da indumentária, da música, da dança, da culinária e de muitos campos e artes. Dessa forma, o romance nos ensina o valor e a potência de toda essa herança, nos oferecendo uma aula profunda sobre a beleza, a sabedoria e a sofisticação das etnias africanas que aportaram no Brasil vítimas do violento processo de escravização.

Em um de seus escritos, Gilles Deleuze diz que precisamos entender a arte como apelo a um povo que ainda não existe. Essa imagem do povo que falta caracteriza justamente o funcionamento e o movimento da utopia. Essa falta intrínseca reativa constantemente a nossa capacidade de resistir ao mundo tal como ele se apresenta. Vejamos as palavras do filósofo ao questionar o papel social da obra de arte:

Qual a relação entre a luta entre os homens e a obra de arte? A relação mais estreita possível e, para mim, a mais misteriosa. Exatamente o que Paul Klee queria dizer quando afirmava: “Pois bem, falta o povo”. O povo falta e ao mesmo tempo não falta. “Falta o povo” quer dizer que essa afinidade fundamental entre a obra de arte e um povo que ainda não existe nunca será clara. Não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe.⁹

⁸ O presente estudo da obra de Ana Maria Gonçalves foi feito a partir de um e-book. Assim, as referências das páginas citadas devem ser consideradas a partir das especificidades desse formato de livro.

⁹ DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Palestra de 1987. Folha de São Paulo, 27/06/1999.

Ensaio *Essay*

Isso nos permite situar a literatura de resistência sob o signo da utopia. Nessa visão utópica, portanto, o povo está sempre faltando, impossível de rastrear, e todo o trabalho realizado pela arte, para ele, – com vistas à sua emancipação – tem o único efeito de incitá-lo a responder. A ideia básica dessa afirmação é que a arte não é simplesmente a expressão de um povo já existente. Essa ideia remete, sobretudo, ao papel questionador, crítico, emancipatório para o qual a arte é constantemente e convocada. A obra de Ana Maria Gonçalves exerce, sem dúvida, esse papel crítico e emancipatório, ao sair em busca da memória de um povo que falta.

O filósofo Vladimir Safatle¹⁴, nos últimos anos, tem feito muitas discussões sobre esse apagamento da memória brasileira, salientando a importância de se evidenciar o papel da violência como um elemento fundador na constituição da sociedade brasileira. No entanto, além da violência apontada por Safatle como um elemento estrutural da memória do Brasil, vale lembrarmos que existe uma memória da beleza, uma memória de uma herança africana que ainda precisa ser devidamente contada, sobretudo no que se refere à diversidade e sofisticação de suas culturas. Inúmeras são as passagens, em *Um defeito de cor*, que demonstram essa diversidade e sofisticação cultural, introduzindo-nos na história de diversas etnias africanas no Brasil:

A Claudina não praticava nenhuma religião a sério, embora tivesse fé em certos orixás, mas frequentava muitas festas de terreiro pela diversão. E eram muitas, porque na Bahia eram louvados os orixás dos nagôs e dos iorubás, os pessoas do meu povo, uns je-je-maís, mas não fomos lá porque eram poucos e os nossos produtos interessavam mais aos que cultuavam orixás. Por isso, também não fomos às festas dos congos e dos angolas, que se concentravam em Cabula. Os nagôs e iorubás eram numerosos e estavam espalhados por toda a cidade e tinham levado para o Brasil quase todos os orixás que cultuavam na África. Havia casas de preto da mesma nação que cultuavam apenas um orixá, o da própria tribo, mas também havia casas frequentadas por muitas nações, onde vários orixás eram cultuados, e por isso recebiam o nome de candomblés. (2022, cap.7, não paginado, posição 8726)

A ideia de um povo que falta também se nutre dessa memória de beleza evidenciada na narrativa de Ana Maria Gonçalves; uma memória de muita vida, resistência e uma série de afetos positivos (como alegria, orgulho, gratidão, esperança, entusiasmo, confiança, amor). No que se refere à resistência, destacam-se as lutas constantes dos muçurumins¹⁵ descritas na obra com riqueza de detalhes:

¹⁴ SAFATLE, Vladimir. Em um com o impulso. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

¹⁵ O termo muçurumin, corruptela da palavra muçulmano, é a forma como os malês eram designados. Termo histórico e religioso para designar os negros muçulmanos.

Eu os admirava exatamente por isso, porque não se sentiam inferiores a ninguém, nem aos donos, e achavam que tinham que obedecer a um só senhor, que era Alá. Por causa disso, também não eram bem-vistos pelos senhores de direito, pois não se submetiam facilmente. Muitas revoltas que queriam libertar os pretos da escravidão já tinham sido organizadas por eles, o que faziam com que fossem muito vigiados. (2022, cap. 4, posição 4485)

A proposta utópica da obra *Um defeito de cor* fica ainda mais clara com o conceito filosófico e imagético africano de Sankofa, símbolo Adinkra, da tradição do povo Akan. Ele representa um retorno ao passado para que possamos aprender com ele, a fim de não cometermos os mesmos erros ao projetarmos futuros:

Sankofa pode ser traduzido por “voltar e pegar”. Na língua twi, san - retornar; ko - ir; fa - tomar.³ (WILLIS, 1998, p. 189). O provérbio associado à Sankofa é “Sewo were fi na wo sankofa a yenky”, cuja tradução seria “não é errado voltar atrás pelo que se esqueceu”. Sankofa simboliza o retorno ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.¹²

O romance nasceu quando a autora buscava pensar a sua identidade negra em um momento de crise pessoal. Até então, como Gonçalves declara nas entrevistas, não havia se pensado ou se questionado como mulher negra. Por ter a pele mais clara, ela sentia que havia um discurso constante para dificultar que ela assumisse sua ancestralidade negra-africana. No entanto, esse questionamento pessoal a levou a refletir sobre o lugar do negro do Brasil, sobre uma história que, como sabemos, ainda não tem o protagonismo que merece em nossa sociedade, em nossas instituições de ensino, embora a lei 10.639/2003 (11.645/2008), que institui a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira e africana, nas escolas públicas e privadas do Brasil, tenha sido sancionada há mais de vinte anos.¹³

Um questionamento sobre a nossa identidade cultural, quando realizado profundamente, termina nos levando a um questionamento sobre a estrutura do mundo ao nosso redor, ou seja, sobre como a sociedade se organizou a nossa volta. Nesse sentido, a obra nos oferece um novo caminho para ampliarmos nosso olhar sobre o mundo. Refiro-me aos seus paratextos e epígrafes, nos quais encontramos referências à palavra serendipidade. Várias observações já foram feitas sobre esse vocábulo que aparece nos paratextos do romance de Gonçalves. No entanto, gostaria de pensá-lo aqui como um conceito que merece ser observado atentamente no texto, pois os paratextos, além de desempenharem um papel importante - seja para reconhecer influências, motivações, antecipar o tema -, podem indicar um caminho fundamental na abordagem de uma obra. No caso em ques-

¹² DA SILVA, Marisa Francisca. Voltar atrás: uma contemplação sobre o pássaro e o adinkra sankofa na cultura afro-brasileira. **Nhegatu. Revista Ibero-americana para comunicação e cultura contra hegemônicas**. Vol. 1, n7. 2021, consultado a 17/04/2026 <https://doi.org/10.23925/2318-5023.2021.n7.e66752>

¹³ Em 2023, vinte anos depois de sancionada a lei 10.639. Estudo realizado com 1.187 Secretarias Municipais de Educação, o que equivale a 21% das redes municipais de ensino do país, revelou que a maioria delas (71%) realiza pouca ou nenhuma ação para a efetividade da lei que há 20 anos obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Apenas 29% das secretarias realizam ações consistentes e perenes para garantir a implementação da lei, revela a pesquisa. Informação dada pelo Instituto Alana (organização que informa sobre direitos de crianças e adolescentes), consultado a 17/062026 <https://alana.org.br/instituto-alana/>

Ensaio Essay

tão, cabe atentarmos para uma visão particular de mundo proposta pelo romance.

Abaixo da dedicatória feita aos pais da escritora lemos um provérbio africano que, como veremos mais tarde, dialoga com os demais paratextos de abertura da obra: “Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão”. Em seguida, temos uma primeira epígrafe de abertura de um prólogo nomeado como Serendipidades. Ela nos alerta para uma condição especial: “You don’t reach Serendip by plotting a course for it. You have to set out in good faith for elsewhere and lose your bearings serendipitously”¹⁴. Logo depois, segue-se um prólogo que conta a história das várias serendipidades vividas pela autora e nele se explica que a palavra serendipidade

descreve aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que “descobrimos” para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que sequer o notemos. (Gonçalves 2022, não paginado, posição 60)

Após o prólogo, abrindo o primeiro capítulo, vemos mais uma epígrafe sobre a serendipidade: “as sementes da descoberta flutuam constantemente à nossa volta, mas só lançam raízes nas mentes bem-preparadas para recebê-las”¹⁵.

Em todos esses paratextos, encontramos diversos testemunhos sobre o conceito de serendipidade. Eles são mais do que suficientes para os valorizarmos como uma pista fundamental de entrada no texto. Reiteramos que o aspecto mais importante na serendipidade não seria apenas o papel do acaso, capaz de nos proporcionar felizes descobertas, mas, sobretudo, o lugar da nossa perspicácia, do nosso olhar sensível e atento para percebermos e acreditarmos no surgimento do acaso, para colhermos bons frutos a partir dessa quebra de expectativas, dessa mudança de rumo, como nos alertaram as palavras de John Barth na entrada do romance: Só assim, previamente preparados e abertos para a abertura, para a descoberta, seríamos capazes de capturar o momento de serendipidade e aproveitarmos a transformação que ele nos oferece. Caso contrário, diversos momentos semelhantes podem passar por nós sem que possamos notar. É fundamental notarmos que, não por acaso, esse aviso sobre essa característica da serendipidade está ao final de todas as epígrafes, como que enfatizando sua importância. Existe, portanto, um papel de destaque, no texto, para a nossa abertura ao imprevisível, para a nossa atenção e flexibilidade diante de uma mudança de planos.

Nas tradições da religiosidade e da filosofia afro-brasileira, a imagem da encruzilhada, como símbolo imagético e narrativo (mítico) da tradição iorubá, pode ser lida como

¹⁴ “Você não alcança Serendip traçando um curso para ela. Você tem que partir de boa-fé para esse outro lugar e perder sua orientação serendipicamente.” (Tradução livre da epígrafe no prólogo do romance *Um defeito de cor*. Frase atribuída a John Barth, no seu romance *The last Voyage of Somebody, the Sailor*, 1991.

¹⁵ Joseph Henry foi um físico e inventor americano. Trabalhou como 1º secretário do Instituto Smithsonian, entre 1846 e 1878.

o lugar ativador da serendipidade. Na mítica e na vivência do símbolo, a encruzilhada é o espaço onde outros sentidos podem ser criados, outros caminhos são apresentados, onde a pluralidade da oferta convoca a escolha do sujeito ou da sujeita. Não há aqui o sentido moral da dualidade ocidental (boa/má) escolha, (bom/mau) caminho, e sim a possibilidade da escolha, da abertura de caminhos, e uma aposta na potência de transformação, de reinício que a escolha traz. Nessa filosofia do ser afro-brasileiro, o território da encruzilhada é o domínio de Exú, orixá que domina a energia das trocas no mundo terrestre (Ayé), cuja potência apresenta a possibilidade de alçarmos e mesmo alterarmos a imagem do passado, pela ação realizada no presente. É o que nos ensina o provérbio iorubá, também presente e destacado como epígrafe do último capítulo do romance de Gonçalves: “Exú matou um pássaro ontem, com a pedra que lançou hoje” (2022, posição 15501).

Podemos afirmar, portanto, que a vida da protagonista Kehinde, em muitos aspectos, é marcada pelos caminhos da serendipidade, na medida em que vivencia diversos acasos que vêm transformar o curso das suas escolhas. E não há dúvida de que ela está preparada para perceber “As sementes da descoberta à sua volta”, pois existe em seu comportamento essa mistura de alerta e flexibilidade diante do inesperado, que a torna sagaz, independente e forte.

Como vemos no prólogo, a palavra serendipidade surgiu, pela primeira vez, em 1758, com Horace Walpole, mas vale lembrar que ela foi estudada e sistematizada como conceito por Robert Merton e Elinor Barber, precursores da sociologia moderna. Eles escreveram uma obra dedicada ao tema em 1958, mas Merton só autorizou a sua publicação 46 anos depois, em 2004¹⁶. O sociólogo sempre criticou a maneira como os cientistas modernos tradicionalmente apresentavam suas descobertas, negligenciando o papel imenso da serendipidade em sua criatividade científica ou artística. Segundo ele e Barber, a forma esquemática, lógica e altamente higienizada do pensamento moderno tendeu sempre a ignorar ou minimizar os caminhos acidentais e repletos de acaso que compõem a verdadeira descoberta científica e a própria criação artística. Em uma obra publicada anteriormente, em 1968, Merton elenca algumas das características da serendipidade:

The serendipity pattern refers to the fairly common experience of observing an unanticipated, anomalous and strategic datum which becomes the occasion for developing a new theory or for extending an existing theory. The datum is, first of all, unanticipated. A research directed toward the test of one hypothesis yields a fortuitous by-product, an unexpected observation which bears upon theories not in question when the research was begun. Secondly, the observation is anomalous, surprising, either because it seems inconsistent with prevailing theory or with other established facts. In either case, the seeming inconsistency provokes curiosity... And thirdly, in noting that the unexpected fact must be strategic, i.e., that it must permit of implications which bear upon generalized theory, we are, of course,

¹⁶ MERTON, Robert K e BARBER, Elinor G. **The Travels and Adventures of Serendipity: A Study in Sociological Semantics and the Sociology of Science**. Princeton University, 2004.

referring rather to what the observer brings to the datum than to the datum itself. For it obviously requires a theoretically sensitized observer to detect the universal in the particular.¹⁷

Além disso, os pesquisadores perceberam e destacaram outras características essenciais do conceito; entre elas, a abertura e o dinamismo. Observemos que a procura de Kehinde pelo seu filho perdido termina frustrada, mas a personagem acaba sempre colhendo os frutos dessa procura, pois, a cada frustração, seu olhar percebe novas sementes da descoberta. Dessa forma, nos damos conta de que, ao longo de seu périplo na busca do filho, Kehinde caminha, simultaneamente, na busca de si própria e vai descortinando mundos possíveis, projetando horizontes de esperança e transformação. À medida que se desloca, a personagem termina por se conscientizar em relação ao mundo a sua volta e torna-se capaz de evidenciar impasses sociais, políticos e éticos.

Kehinde se move constantemente: deixa a costa Atlântica do Daomé; no Brasil, viaja para a Bahia, depois segue para o Maranhão, Rio de Janeiro, Campinas, São Paulo; volta à África, onde continua a se deslocar, e finalmente retorna ao Brasil, completando um ciclo que aponta essa ligação visceral entre o país e o continente africano. Ao acompanharmos as deambulações da protagonista, a cada uma das suas frustrações, acompanhamos sua atenção para as sementes da descoberta de que falam o prólogo e as epígrafes da obra, nos convocando a atentar aos bons frutos que podem delas surgir. É se deslocando que Kehinde entra em contato com pessoas e circunstâncias inusitadas, como Bartolomeu de Gusmão, o Padre voador:

Eu tinha a sensação de ser sempre uma viajante, por causa de tantos lugares que conheci sem adotar nenhum em definitivo, enquanto a maioria dos pretos quase nunca se afastava da casa dos donos, principalmente os que iam para as fazendas [...] O cais era grande e movimentado, e foi interessante que a primeira coisa que me veio à lembrança, ao chegar à cidade, foi que ali tinha morado o padre voador, o amigo do pai do Kuanza.

O encontro de Kehinde com Kuanza, um escravo libertado, a havia levado a mudar todos os seus planos. Afinal, assim como a protagonista nos seduz com a narrativa de sua vida, ela também é seduzida pelas histórias que cruzam o seu caminho. Assim, no último capítulo, quando percebemos que a narrativa é o resultado da sua escolha de narrar suas histórias-memórias por meio de uma carta dirigida a seu filho, ela declara a seu filho que suas memórias são a sua herança para ele. O diálogo epistolar entre Kehinde e seu filho

¹⁷ Robert K. Merton *Social theory and social structure* USA - Free Press, p. 157-162 PDF, consultado a 17/062026 <https://sociologiac.net/2025/08/26/social-theory-and-social-structure-robert-k-merton/>

O padrão de serendipidade refere-se à experiência bastante comum de observar um dado inesperado, anômalo e estratégico que se torna ocasião para o desenvolvimento de uma nova teoria ou para a extensão de uma teoria existente. O dado é, antes de tudo, inesperado. Uma pesquisa direcionada ao teste de uma hipótese produz um subproduto fortuito, uma observação inesperada que se relaciona com teorias que não estavam em questão quando a pesquisa foi iniciada. Em segundo lugar, a observação é anômala, surpreendente, seja porque parece inconsistente com a teoria predominante ou com outros fatos estabelecidos. Em ambos os casos, a aparente inconsistência provoca curiosidade. E, em terceiro lugar, ao observarmos que o fato inesperado deve ser estratégico, isto é, que deve permitir implicações que se relacionam com a teoria generalizada, estamos, obviamente, nos referindo mais ao que o observador traz para o dado do que ao próprio dado. É obviamente necessário um observador teoricamente sensível para detectar o universal no particular. (tradução livre do trecho da obra de Merton 1968: 157-162)

termina por ser estendido a nós leitores, que vivemos, ao lado dela, as suas emoções e descobertas. Nós, leitores, partilhamos com a protagonista dessa intimidade de memórias da vida de uma mulher escravizada e simultaneamente partilhamos as memórias de um país.

Concluimos, então, como ensina Maurice Halbwachs¹⁸, que nunca nos lembramos sozinhos, pois a memória individual só faz sentido dentro do contexto social. Percebemos todo o poder de coesão que a memória tem entre indivíduos, grupos, comunidades e nações. Daí a importância desse diálogo epistolar, íntimo, que o texto procura estabelecer com os seus leitores.

Os caminhos de Kehinde são duríssimos, mas são também plenos de aprendizagens e revelações, desde o momento em que é capturada no Daomé. Sua avó, ainda no tumbeiro, se preocupa em transmitir a ela os princípios da cultura aos ancestrais. Pouco tempo depois da sua chegada ao engenho, onde será escravizada, ela se vale da presença do professor muçurumin na fazenda e aprende a ler e escrever. A aprendizagem de Kehinde é constante, tornando-a cada vez mais sagaz. Contudo, sua sagacidade e força não a tornam uma heroína idealizada. Kehinde é profundamente humana e cheia de fraquezas como todos nós. Sua riqueza reside justamente nos muitos papéis e faces contraditórias que apresenta ao longo da narrativa. Há períodos em que se abate e entra em depressão; há ocasiões em que pensa apenas em seu bem-estar; há muitos momentos em que demonstra uma grande valorização do luxo e do prazer, tanto dos bens materiais quanto o prazer sexual; mas há, sobretudo, momentos de grande solidariedade, quando ela ajuda diversos conhecidos e desconhecidos a sua volta, ensinando, apoiando financeiramente, ouvindo e confortando.

A declaração da autora¹⁹ de que inúmeras mulheres a inspiraram na construção da protagonista atesta esse desejo de valorizar o imprevisível, a abertura para muitas visões e quebra de estereótipos, desconstruindo a ideia da mulher ideal. A integridade e humanidade da protagonista residem, sobretudo, na sensibilidade em relação ao sofrimento humano, com o qual nunca se solidariza, e com a consciência do valor da vida, da sua própria vida e das pessoas que a rodeiam.

Chama atenção na obra o cuidado de se nomear cada pessoa. Todos os personagens, por menores que sejam na narrativa, são nomeados e seus laços familiares são evidenciados, atestando o valor da vida humana, com sua história pessoal, que se distingue e torna cada ser único. Esse fato, mais do que ser interpretado como um detalhe no conjunto da obra, se mostra como uma ação contra colonial, que rasura uma das práticas coloniais instaladas durante o processo colonizatório, quando sujeitos escravizados foram submetidos à nomenclatura criada por escravocratas, colonizadores, colonos. Perdidos os nomes de suas famílias de origem africanas ou indígenas, o Brasil se povoou de Silvas, Costas, Ferreiras, exemplos de sobrenomes que guardam essa desmemória da origem étnica do povo brasileiro, tanto do lado da ascendência africana, quanto da ascendência dos povos originários.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

¹⁹ Ana Maria GONÇALVES. Entrevista programa Roda viva, consultado a 17/07/2023 https://www.youtube.com/watch?v=7cP28ek_6dg

Ensaio Essay

Esse interesse pelas pessoas é demonstrado pela protagonista até mesmo nos momentos de grande desespero. Mesmo quando a protagonista se sente desesperada em sua busca malsucedida por seu filho, não deixa de se comover com os sofrimentos de cada nova pessoa que encontra em seu caminho. Sua procura parece encenar a procura pelo país que falta. Não por acaso, ao final de seu périplo, embora deseje encontrar seu filho, sabe que ainda não é o momento da realização desse encontro, pois, mais importante que o encontro é, com certeza, o próprio processo da procura.

Como sugere Safatle, há obras que apontam para o que a sociedade é incapaz de nomear. Embora impotentes para a transformação, são capazes de abrir um imenso campo de projeção e reflexão de horizontes. Em *Um defeito de cor*, a ficção literária elabora cenários que tensionam os limites da realidade, projetando horizontes de esperança e transformação e denunciando impasses sociais, políticos e éticos, lembrando-nos, sempre, que “Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão”.

Referências

ABEL, Taís dos Santos. **Serendipidade em Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo e Niketche, de Paulina Chiziane**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

DA SILVA, Marisa Francisca. Voltar atrás: uma contemplação sobre o pássaro e o Adinkra Sankofa na cultura afro-brasileira. **Nhegatu, Revista Ibero-americana para comunicação e cultura contra hegemônicas**, Vol 1, n7. 2021.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**, Palestra de 1987, Edição brasileira, Folha de São Paulo, 27/06/1999, Chromeextension://efaidnbmnnnibpccajpcgclcfndmkaj/https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf.

GONÇALVES, Ana Maria. **Entrevista programa Roda viva**, consultado a 17/07/2023 https://www.youtube.com/watch?v=7cP28ek_6dg.

_____. **Um defeito de cor** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

MERTON, Robert K e BARBER, Elinor G. **The Travels and Adventures of Serendipity: A Study in Sociological Semantics and the Sociology of Science**. Princeton University, 2004.

SAFATLE, Vladimir. **Em um com impulso**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Como citar:

SILVA, Maria Teresa Salgado Guimarães da; COSTA, Luana Antunes; SILVA, Fernanda Oliveira da. Um defeito de cor, imagem de um povo que falta. Revista Metaxy, Rio de Janeiro, PPDH/NEPP-DH/UFRJ, v.7, n. 7.1, p. 268-277, 2026. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>